

## Uma abordagem enunciativa das relações antonímicas entre cobrir e des-cobrir

### An enunciative approach to the antonymic relationship between covering and discovering

Andreana Carvalho de Barros Araújo\*  
Maria Auxiliadora Ferreira Lima\*\*

**RESUMO:** Este artigo aborda a relação de oposição entre cobrir e descobrir sob a perspectiva da teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli, dentro de uma linha de investigação que considera que os sentidos das unidades lexicais ou morfolexicais são construídos e não previamente estabelecidos. Embora nosso estudo envolva os prefixos cuja tradição julga que têm sentidos prontos oriundos de outras línguas, entendemos que tais unidades passam pelos mesmos critérios de construção de sentido das unidades consideradas simples. Para tal analisamos quais os fatores que propiciam ou impossibilitam a oposição destas unidades, considerando as características da base e do prefixo em questão, além de outros fatores que interferem na construção de sentido de uma unidade. Observamos que há uma relação de oposição entre *cobrir* e *descobrir*, no entanto, os parâmetros de funcionamento para o surgimento dessa oposição são específicos e criteriosos, de modo a restringir um único sentido que aceita tal oposição. Deste modo, pudemos confirmar que unidades como *des-* não se limitam a realizar uma oposição quando se associam à base e que os sentidos de suas ocorrências são construídos no ambiente textual em que ocorrem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Unidades prefixadas. Relação antonímica. Sentido. Enunciado.

**ABSTRACT:** This article discusses the relationship of opposition between cover and discovery from the perspective of Antoine Culioli's theory of Enunciative Operations, within a line of investigation that considers that the senses of the lexical or morfolexical units are constructed and not previously established. Although our study involves the prefixes whose tradition judges that they have ready senses coming from other languages, we understand that such units go through the same criteria of construction of sense of the units considered simple. For this we analyze the factors that propitiate or prevent the opposition of these units, considering the characteristics of the base and the prefix in question, in addition to other factors that interfere in the construction of a unit sense. We note that there is an oppositional relationship between *cover* and *discovery*, however, the operating parameters for the emergence of this opposition are specific and insightful, in order to restrict a single sense that accepts such opposition. In this way, we were able to confirm that units as *des-* do not only carry out an opposition when they are associated to the base and that the senses of their occurrences are constructed in the textual environment in which they occur.

**KEYWORDS:** Prefixed units. Antonymic relation. Sense. Statement.

\* Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

\*\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (1997). É professora associado da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

## 1. Introdução

A abordagem de sentido das unidades morfolexicais na perspectiva construtivista da teoria das Operações Enunciativas detém-se no modo como esse sentido é construído no enunciado. A partir dessa linha de abordagem, analisamos a unidade prefixada *des-cobrir*, refutando a visão taxativa de que os prefixos possuem sentidos prontos, estabelecidos previamente. Entendemos que uma unidade prefixal tem regras específicas de funcionamento e que seu sentido também se constrói no jogo de interação que se estabelece no ambiente textual em que ocorre.

Para as análises, utilizamos a abordagem de Franckel (2006; 2011a; 2011b) no que diz respeito à construção de sentido e, para a compreensão do funcionamento de um verbo prefixado, tomamos como base os estudos de Paillard (2004; 2007) que procura definir as regras de combinação desses verbos.

A nossa intenção ao estudar uma unidade prefixada é entender como se dá o processo de oposição em relação ao prefixo *des-*, visto que, de um modo geral, oposição é uma significação atribuída a tal unidade. Desta forma, buscamos descrever a relação de oposição gerada entre a unidade *cobrir* e seu “antônimo” *descobrir* e, também, compreender os fatores que propiciam ou impedem tal oposição. Assim, objetivamos identificar quais as possibilidades das unidades *cobrir* e *descobrir* estabelecerem oposição entre si, marcando a função do prefixo nesse processo.

## 2. A construção de sentido das unidades

Visto que não consideramos as unidades como portadoras de sentido, entendemos que o sentido será construído com base no próprio jogo de interação das unidades nos enunciados conforme observa Franckel:

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que elas determinam o sentido desses enunciados. Não há sentido próprio e sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma *épura*, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Somos conduzidos, assim, ao pensamento de que as unidades não são um produto acabado, no entanto, elas apresentam um potencial que será desenvolvido no enunciado. Desse

modo, cada unidade exercerá um papel dentro de um todo, em relação às outras unidades com a finalidade de construir sentido através dessas interações.

Se as unidades estão em interação constante e geram sentidos por meio desta, isto quer dizer que uma palavra não pode significar sozinha, mas somente em relação a outras. Aqui, entramos no ponto crucial da construção de sentido, a interdependência das unidades. Pensar nesse âmbito, leva-nos a discutir alguns elementos que vão atuar na construção de sentido tais como cotexto, contexto ou situação.

O cotexto ou contexto imediato, segundo Franckel (2006), diz respeito ao ambiente textual em que a unidade morfolexical ou lexical está inserida, pois, a mesma depende deste ambiente textual para assumir um dado sentido.

Segundo Franckel (2011b), a unidade depende do cotexto e a sequência, por sua vez, depende do contexto, pois a unidade só adquire valor quando interage com um cotexto, enquanto a sequência precisa ser relacionada a um contexto para se tornar interpretável. A sequência, de acordo com Franckel (2011b, p. 107), “é um pequeno encadeamento de palavras contextualizável e inteligível” que pode ser um sintagma (uma subida suave) ou uma frase simples (ele fez bem em agir assim)”. No entanto, apesar de seu caráter extralinguístico, o contexto não está no extralinguístico e nem funciona independente do enunciado. Desse modo, ele é gerado pelo próprio enunciado, “a própria forma da sequência é responsável por determinar as condições de sua constituição em um enunciado contextualizado (FRANCKEL, 2011b, p. 109)”.

As interações que ocorrem no enunciado são constantes e trabalham em favor da construção de sentido, entretanto, em relação às unidades prefixadas precisamos considerar outros fatores que veremos a seguir.

## **2.1 O sentido de uma unidade prefixada**

Seguindo o que foi proposto em relação ao sentido, entendemos que, embora as unidades como prefixos sejam provenientes de outras línguas como o grego e o latim e sua função seja modificar o sentido de uma determinada unidade, não podemos simplesmente aceitá-las como portadoras de um sentido preestabelecido. Há, inclusive, linguistas que questionam se esse significado original seja de fato o que deve ser levado em consideração:

O que classifico de falácia etimológica é a crença de que a forma ou o significado original de uma palavra é, necessariamente, e em virtude deste mesmo fato, sua forma ou significado correto. Esta pressuposição é amplamente divulgada. Quantas vezes não presenciamos uma discussão em que alguém defende que por tal ou tal palavra originar do grego, latim ou árabe, ou seja qual for a língua em questão, o significado correto daquele vocábulo deve ser o que existia na língua de origem! O argumento é falacioso porque a pressuposição tácita de que há uma correspondência originalmente verdadeira ou apropriada entre forma e significado, sobre o qual se sustenta não pode ser substanciada. (LYONS, 1997, p. 61)

Assumimos a posição de Paillard (2004; 2007) que defende que uma unidade prefixada não deve ser considerada como simples, mas como uma unidade complexa. Ou seja, não basta apenas acrescentar o prefixo para que o valor seja modificado, mas há uma conjuntura bastante complexa que considera o prefixo, a base e todas as outras unidades que fazem parte daquele enunciado.

O autor afirma que os prefixos não podem ser colocados todos em um grupo e tratados da mesma forma, visto que cada um apresenta suas próprias especificidades, chegando a considerar que alguns prefixos têm até mesmo certa autonomia em relação à base na qual está integrado. Nesse caso, não podemos apenas afirmar que tal unidade modifica o sentido daquela à qual ele está associado, pois não é uma simples adição de sentido. Assim, a adição do prefixo *des-* a uma unidade qualquer não quer dizer que esta assumirá um sentido de oposição. Como podemos perceber, essa relação não é tão simples e seu resultado é um predicado complexo que precisa ser tratado como tal, como afirma Paillard (2004).

### 3. Metodologia

Para entendermos como se dá a associação entre o prefixo e a base, observamos primeiramente o funcionamento do verbo *cobrir*. Buscamos definir as regras de combinação desse verbo, através de suas ocorrências, tomando como base o procedimento de Paillard (2004; 2007). Para tanto, utilizamos, como ponto de partida, os exemplos do verbo *cobrir* apresentados nas acepções do dicionário Houaiss (2003).

O dicionário apresentou 14 acepções para o verbo *cobrir* que são todas apresentadas detalhadamente em nossa dissertação. Todavia, não há necessidade de apresentarmos todas as análises realizadas, assim, detalharemos apenas as que ressaltam a oposição entre *cobrir* e *descobrir*. Os casos que não se enquadram nesse aspecto serão apresentados somente de forma representativa.

Para dar sequência às análises, procuramos identificar quais enunciados marcavam oposição com a unidade prefixada *descobrir*. Em tais enunciados, verificamos o que permite a associação entre as unidades *des-* e *cobrir*, assim como, quais fatores impedem a presença do prefixo *des-*. Além disso, apresentamos alguns exemplos em que não se configura tal oposição.

#### 4. A relação *cobrir/des-cobrir*

Iniciando as análises propriamente ditas, temos a acepção 1 que diz respeito à noção de esconder ou proteger algo, pondo alguma coisa sobre. Vejamos os seguintes exemplos:

1. **Cobriu** a sepultura (com terra).
2. Num movimento rápido, **cobriu** a nudez (com uma toalha).

Nos exemplos **1** e **2**, temos a presença de um elemento que se apresenta em um estado inicial (E1) à mostra em um exterior e, após a ação de um agente, por meio de um instrumento, torna-se inacessível ou apenas fora do alcance da visão, ou seja, em um interior que chamaremos de estado final (E2). Podemos dizer que a base verbal *cobrir*, nestes exemplos, pede dois argumentos A1 e A2 que estão em uma relação predicativa  $\langle (A1) r (A2) \rangle$  a qual se vincula um instrumento Z, utilizado para a realização da ação sobre o A2 em um movimento de fora para dentro. *Cobrir* nestes exemplos coloca o A2 no interior de um domínio nocional<sup>1</sup>, ou seja, em **1**, coloca sepultura no interior de sepultura coberta e em **2**, coloca nudez no interior de nudez coberta.

Na acepção 2, temos a noção estar ou estender-se sobre, ocultando ou protegendo.

3. Um tapume **cobria** o prédio em toda a volta.
4. Um lenço de seda **cobria**-lhe a cabeça.

Um primeiro fato que podemos evidenciar é que existem claras semelhanças com as sequências 1 e 2, visto que se trata da ação de cobrir ou esconder algo com o auxílio de um instrumento. Contudo, a posição A1 antes ocupada pelo agente, agora é ocupada pelo instrumento que foi alçado à posição de A1 do ponto de vista sintático. Porém, este não é o

---

<sup>1</sup> O domínio nocional permite estruturar a classe de ocorrências de uma noção. Ele comporta um Interior p, um Exterior não-p e uma Fronteira separando o Interior do Exterior. (GROUSSIER; RIVIÈRE, 1996).

mérito da questão, pois esta posição pode, de fato, ser ocupada pelo instrumento sem que a sequência deixe de ser enunciável<sup>2</sup>.

É interessante observarmos se há a possibilidade de acrescentar ao verbo *cobrir* a unidade *des-* de forma que haja uma oposição à ideia inicial.

1. Cobriu a sepultura (com terra).
  - 1a. \*Descobriu a sepultura com terra.
  - 1b. Descobriu a sepultura que estava coberta de terra.
  - 1c. Descobriu a sepultura.
  
2. Num movimento rápido, cobriu a nudez (com uma toalha) .
  - 2a. \*Num movimento rápido, descobriu a nudez com uma toalha.
  - 2b. Num movimento rápido, descobriu a nudez que estava coberta com a toalha.
  - 2c. Num movimento rápido, descobriu a nudez.

Os termos *terra* e *toalha* são localizados em relação ao A2, ou seja, sepultura e nudez, respectivamente. Nesse tipo de construção sintática, Z (instrumento) impede a adição de *des-*, como se nota nos exemplos **1a** e **2a**. Os elementos *terra* e *toalha* são incompatíveis no papel semântico de instrumento com o verbo *descobrir*, pois *toalha* e *terra* instrumentalizam uma ação do exterior para o interior e não do interior para o exterior como requer a ação de *descobrir*. O agente de *cobrir* aciona uma ação através do instrumento (toalha e terra) do exterior para o interior (Cobriu a nudez com uma toalha/ Cobriu a sepultura com terra), esse mesmo instrumento não faz o movimento inverso, ou seja, do interior para o exterior, ele não pode ser acionado para descobrir algo que estava coberto. Entretanto, quando o elemento Z não está presente, *-des* pode ser associado a *cobrir* como em **1c** (X descobriu a sepultura) mas, não em **2c** no sentido de descobrir algo que estava coberto, pois, a semanticidade de nudez já remete a algo exposto. Entretanto, essa construção é possível em uma situação em que *descobrir* assume o sentido de conhecer, tomar contato. (O adolescente descobriu a nudez feminina). Nesse caso, o sentido de *descobrir* é localmente sinônimo de conhecer, tomar contato e não se estabelece oposição entre *cobrir* e *descobrir*. Em **1c** também, o sentido de *descobrir* pode ser estabilizado no enunciado como encontrar, alguém está procurando uma dada sepultura no cemitério,

---

<sup>2</sup> O verbo *cobrir*, neste caso, exige dois argumentos que pode ser ocupado pelo sujeito e o elemento que sofre a ação, como também pode ser ocupado pelo instrumento, que é apresentado como o praticante da ação, e o elemento que sofre a ação. Em nenhum dos casos há prejuízo à enunciabilidade das sequências.

encontra e alguém diz X descobriu a sepultara. Não há também uma relação de oposição com cobrir.

Os exemplos **3** e **4** da acepção 2, apresentam um funcionamento parecido. Vejamos:

- 3. Um tapume cobria o prédio em toda a volta.
- 3a. Cobria o prédio com um tapume em toda volta.
- 3b. \*Descobria o prédio com um tapume.
- 4. Um lenço de seda cobria-lhe a cabeça.
- 4a. Cobria a cabeça com um lenço de seda.
- 4b. \*Descobria a cabeça com um lenço de seda.

Nos exemplos **3** e **4**, o instrumento é alçado à posição de A1, no entanto, isso não impede que seja realizada a mesma construção dos exemplos **1** e **2** como podemos observar nos exemplos **3a** e **4a**. Alçados à posição de argumento 1 continuam exercendo o papel temático de instrumento o que bloqueia o prefixo *des-* em **3b** e em **4b** em que *tapume* e *lenço de seda* são instrumentos. Portanto, a única forma de utilizar o prefixo é eliminando a presença do papel temático instrumento, visto que sua característica é operacionalizar uma ação de cobertura que parte do exterior para o interior, não sendo compatível com descobrir que requer um movimento contrário, ou seja, do interior para o exterior.

A relação de oposição entre cobrir e descobrir requer um movimento do exterior para o interior e entre descobrir e cobrir, do interior para o exterior. O que não ocorre com o verbo descobrir no sentido de encontrar, localizar (Pedro descobriu a cabeça/descobriu o prédio). O uso de *descobrir o prédio* em uma relação de oposição com cobrir não parece ser tão comum. Ao observarmos a sequência *descobriu o prédio*, tendemos mais facilmente a pensar que sua localização foi descoberta e não na ação de tirar algo que cobre o prédio, sobretudo, se levarmos em consideração que o complemento *prédio* tem a propriedade semântica de ser um espaço físico localizável. Nesse sentido tem-se um sujeito agente e não um sujeito no papel temático de instrumento.

Observando a sequência *cobriu o prédio com um tapume*, vemos que não se refere a colocar algo por cima, apenas colocar um instrumento ao redor que impeça o acesso de pessoas não autorizadas, a fim de protegê-las de estilhaços e também proteger os materiais da obra. Ainda assim, entendendo que cobrir também pode ser para impedir o acesso que, nesse caso, é feito pelos lados, e não por cima, não parece natural esse sentido quando se usa somente *descobriu o prédio*.

Seguindo com as acepções três e quatro, temos:

5. Uma névoa poluente cobriu toda a região.
6. Uma grande mancha de óleo cobriu toda a praia.

Em **5** e **6**, *cobrir* apresenta o sentido de estender-se por um determinado espaço. Não há um agente com a intenção de esconder ou de tornar algo inacessível, ou seja, uma ação voluntária, uma vez que o A1 desses enunciados não são agentivos, são causativos. A propriedade primitiva tanto da noção<sup>3</sup> *mancha de óleo* quanto da noção *névoa poluente*, é inanimada e, portanto, não agentiva. Não há um movimento do exterior para um interior no sentido de se acionar um instrumento para que ele exerça o movimento de cobrir algo, há um elemento que se estende sobre um determinado espaço (região e praia) em consequência de um fenômeno natural ou acidental.

Vejamos, agora, se é possível aplicar o prefixo *des-* em **5a** e **5b**:

5. Uma névoa poluente cobria toda a região.
- 5a. \*Uma névoa poluente descobria toda a região.
6. \*Uma grande mancha de óleo cobriu toda a praia.
- 6a. Uma grande mancha de óleo descobriu toda a praia.

Observamos que, em um movimento contrário não temos X (névoa poluente/mancha de óleo) *descobriu a praia/região*, no sentido de exteriorizar algo que estava coberto, interiorizado como em *X cobriu a cabeça com um lenço*, em que X é um agente que, por meio de um instrumento, exerce a ação de cobrir algo que estava descoberto. Nos exemplos **5a** e **6a**, percebemos que a sequência não é enunciável pelo fato de *névoa* e *mancha de óleo* não terem a propriedade agentiva, e também em razão de terem a propriedade semântica de impedir a visibilidade ou limpidez de algo. Assim em **5a** *névoa* provoca a cobertura de um espaço, impedindo sua visão, já em **5b** *mancha de óleo* estende-se sobre um espaço tirando-lhe a limpidez.

---

<sup>3</sup> “Decidimos chamar noção esse feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados (CULIOLI, 1999, p. 9)”. Texto original: *décidons d'appeler notion ce faisceau de propriétés physico-culturelles que nous appréhendons à travers notre activité énonciative de production et de compréhension d'énoncés.*



A acepção 5 refere-se à noção de encher(-se), cumular(-se) e traz o seguinte exemplo:

7. Cobriu os filhos de beijo

Neste exemplo, não há mais semelhança com os anteriores que remetiam a esconder ou manter fora do alcance de visão um determinado elemento. *Cobrir* remete a um movimento iterativo no qual um agente na posição de A1 realiza uma atividade A, no caso, ação de beijar, sobre A2 que resulta em um processo não mais de esconder algo, nem de preencher toda a sua extensão, mas que denota uma certa quantidade de atos (beijos). Porém, se fizermos uma alteração como no exemplo, *X cobriu os filhos na hora de dormir*, percebemos que o sentido muda e passa a ser o mesmo da acepção seis que abordaremos mais adiante. Essa alteração mostra que o sentido de cobrir, nesta sequência, é determinado pela natureza semântica do complemento, uma vez que, quando ele é retirado, o sentido também será alterado. Além disso, ainda requer um instrumento que no exemplo citado não está destacado, mas pode ser inserido como, por exemplo, *cobriu o filho com um lençol*. Diferentemente da sequência 7 em que o agente não necessita de um instrumento para realizar a ação, mas produz algo que são os beijos.

Porém, o importante a ser observado é se a sequência continua enunciável na presença de *des-*. Acrescentando, então, o prefixo ao verbo *cobrir* temos:

7. Cobriu os filhos de beijos.

7a. \*Descobriu os filhos de beijos.

7b. \*Os filhos estavam descobertos dos beijos da mãe.

Estabelecendo uma relação de oposição entre cobrir/descobrir, vemos que, neste grupo, não há a possibilidade de opor cobrir a descobrir. É um evento que pode sempre se repetir, mas não pode ser marcado como descoberto o momento anterior a esse, pois, o foco não é a passagem de um estado para o outro, mas a intensidade da ação.

A acepção seis, por seu turno, quer dizer vestir(-se), envolver(-se), trazendo os seguintes exemplos:

8. Tirou a capa para cobrir o mendigo.

9. Puxou as cobertas para cobrir-se.

Observando tanto a estrutura quanto o sentido, essas sequências não parecem estar muito distantes das primeiras apresentadas. Se fizermos algumas paráfrases podemos, inclusive, ter a mesma estrutura daquelas, como em:

- 8a. cobriu o mendigo com a capa.
- 9a. Cobriu-se com as cobertas.

Em relação ao sentido, vemos alguma semelhança no que diz respeito à utilização de um instrumento Z (*capa e cobertas*) para colocar, especificamente neste caso, sobre alguém, o que não quer dizer que seja para esconder algo ou manter fora do alcance de visão como na sequência 2. A relação aqui se volta para a ideia de proteção, estar vestido, coberto, que se aproxima da sequência 1, uma vez que *cobrir a sepultura com terra* remete também a uma ideia de proteção, mesmo que no caso da sepultura seja para proteger mantendo algum agente externo à distância, enquanto, cobrir com a capa ou cobertor não mantém o agente externo distante, mas, ainda assim, funciona como uma barreira impedindo que o sujeito sofra uma determinada ação.

No que diz respeito à presença do prefixo *des-* precisamos verificar essa possibilidade. Assim, utilizaremos os exemplos:

- 8a. Cobriu o mendigo com a capa.
- 8b. \*Descobriu o mendigo com a capa.
- 8c. Descobriu o mendigo (de sua capa).
- 9a. Cobriu-se com as cobertas.
- 9b. \*Descobriu-se com as cobertas.
- 9c. Descobriu-se (das cobertas).

Surgem, portanto, duas formas de fazer com que o prefixo seja introduzido, ou retira o instrumento ou altera a preposição. O instrumento, do mesmo modo que ocorre nas sequências de 1 a 4 impede o prefixo por este não fazer o movimento contrário, ou seja, do interior para o exterior. Entretanto, neste caso, há uma segunda possibilidade que não seja apenas banir o instrumento da sequência, fato que ainda não havia ocorrido.

Vemos que a sintaxe interfere no sentido, visto que, no momento em que a preposição é acrescida à oração, surge o sentido de *livrar-se das cobertas* e não somente retirá-las expondo o corpo.

À medida que avançamos, notamos que tanto as estruturas quanto os sentidos se diferenciam mais ainda das acepções apresentadas inicialmente. Este é o caso da acepção sete que diz respeito à cópula dos animais.

- 9. Um só touro cobre várias vacas.

Embora haja um fio condutor em relação à ação de cobrir no sentido de esconder ou proteger, é notável que só percebemos isso se relacionarmos essa ação de cobrir com a posição do macho em relação à fêmea, uma vez que aquele se coloca por cima desta. Todavia, o propósito não é escondê-la ou protegê-la, além de que o macho nem consegue cobri-la de forma a evitar que seja vista. Esse sentido de *cobrir* não apresenta possibilidade para o acréscimo do prefixo *des-* em oposição uma relação de oposição.

Na acepção oito, *cobrir* remete a pagar uma dívida em:

#### 10. Cobrir um débito.

A estrutura se mantém apresentando dois argumentos, como em outras sequências anteriores, X cobrir Y mas sem a presença de um instrumento. A própria semanticidade do A2, *débito*, conduz a um outro sentido que não seja aquele de esconder, provavelmente, por esse motivo não haja a necessidade do instrumento.

Embora o sentido tenha sofrido uma modificação, nessa sequência, precisamos examinar se há a possibilidade de inserir o prefixo *des-*.

10. Ele cobriu o débito.

10<sup>a</sup>. \*Ele descobriu o débito.

10b. \*O débito está descoberto.

Mesmo fazendo uso de paráfrases, ainda não é possível ter sequências enunciáveis com descobrir fazendo oposição a cobrir, nestes casos.

Em síntese, pudemos perceber a forte polissemia em torno do verbo cobrir. No entanto, nosso interesse era apenas identificar quais as possibilidades de se acrescentar o prefixo *des-* a uma sequência de forma que *descobrir* assumisse um sentido oposto. Assim, pudemos identificar fatores que permitem ou impedem que a unidade *des-* seja utilizada. Desse modo, de todas as acepções analisadas, apenas três apresentaram essa possibilidade.

As três acepções em questão (1, 2 e 6) têm sentidos muito próximos e todas remetem à noção de esconder ou proteger pondo alguma coisa sobre, incidindo, portanto, sobre o caráter material, tratando-se de uma atividade mecânica que tem como característica básica o fato de colocar em um interior o que estava no exterior com uso de um instrumento também material.

Com base nos exemplos analisados do dicionário, chegamos à conclusão de que há três possibilidades em relação a cobrir/descobrir:

- i) Casos em que cobrir não estabelece uma relação de oposição com descobrir, rejeitando, portanto, o prefixo *des-*. Não há a possibilidade de que o verbo prefixado descreva o mesmo acontecimento que foi descrito pelo verbo simples. Ex.: cobria o filho de beijos;
- ii) Casos em que cobrir aceita o prefixo *des-*, marcando uma oposição. Ex.: cobriu/descobriu a sepultura; e
- iii) Casos em que descobrir não aceita a ausência de *des-* como forma de oposição. O evento não pode ser descrito com a forma não prefixada, embora ainda se mantenham os traços característicos da base. Ex.: após o transplante, Sofia descobre a digestão.

#### 4.1. A oposição cobrir/des-cobrir

Como resultado das análises realizadas anteriormente, observamos que não basta simplesmente acrescentar o prefixo a uma base para que uma oposição seja configurada, visto que há fatores que delimitam tal associação. Assim, a oposição só ocorre em um grupo bem determinado no qual o sentido construído é único e específico.

Podemos, desse modo, destacar que, nos quatro enunciados que marcam tal oposição, vimos critérios de especificidade.

1. Cobriu/descobriu a sepultura
2. Cobriu/descobriu a nudez
3. Cobriu/descobriu o prédio
4. Cobriu/descobriu a cabeça

O primeiro aspecto que podemos destacar é a ação mecânica de colocar sobre ou em volta de um determinado elemento um objeto. Este deverá exercer a função de proteção ou mesmo de impedir o acesso físico ou a visualização. Nos exemplos **1** e **4**, *sepultura* e *cabeça* são protegidos por *terra* e *lenço*, respectivamente, como vimos nas análises anteriores. A proteção, nesse caso, pode ser para impedir tanto o acesso, evitando a violação do corpo, bem como a visualização em **1**. Enquanto em **4**, pode ser para proteger do sol ou também para que a cabeça não seja vista (situações mais específicas, como alguém que está temporário ou permanentemente sem cabelos). Em **2**, a situação é semelhante, a *toalha* é o elemento de proteção para que a região da genitália não seja vista por um terceiro. Por sua vez, *cobrir o*

*prédio*, embora não seja literalmente colocar um elemento por cima, utiliza *tapumes* que impedem o acesso à área de construção. Em todos os casos, o instrumento funciona como uma barreira que, ao ser retirada, permite que o elemento fique descoberto.

Essa função de proteção só é possível devido à natureza do instrumento utilizado para proteger o elemento Y. Embora não estejam dentro de um grupo lexical, os elementos, *terra*, *toalha*, *tapume* e *lenço* apresentam a capacidade de exercer a mesma função de proteção. Todos podem ser manuseados por um agentivo, de modo a se colocarem sobre ou ao redor de outros elementos oferecendo proteção ou impedindo a visão deste.

O segundo aspecto diz respeito ao caráter dos complementos (elemento Y). Como pudemos notar, tais elementos, *sepultura*, *nudez*, *prédio* e *cabeça*, possuem um caráter material. Essa é a grande diferença entre os complementos do verbo descobrir que não fazem oposição a cobrir, por exemplo, descobrir o segredo. Este e muitos outros sentidos construídos a partir de descobrir não admitem essa oposição, dado seu caráter mais abstrato. Não é possível colocar uma toalha, por exemplo, sobre um segredo se este se tratar de uma informação. A possibilidade disso acontecer é somente se a informação se tornar algo material, ou seja, esteja escrita em um papel, assim, será possível cobrir o “segredo” com uma toalha, no entanto, exige uma contextualização muito específica para que o complemento assuma uma configuração material. Este exemplo é bem parecido com o caso do exemplo 2, pois, nudez pode assumir um caráter mais abstrato, todavia, aqui se resume a algo bastante material, os órgãos sexuais.

Há um conjunto de fatores que permite que haja uma oposição entre *cobrir* e *descobrir*. A oposição, entretanto, não se restringe ao acréscimo do prefixo *des-*, visto que, se um dos fatores não é cumprido a oposição também não pode se manifestar. Assim, “o cachorro descobriu as drogas na mala do turista” não pode fazer oposição a cobrir, apesar de apresentar um agentivo, ter um complemento de caráter material que pode sim ter um elemento sobre si capaz mantê-lo longe do campo de visão de terceiros, cumprindo os requisitos mencionados acima. Todavia, o sentido engendrado aqui não é de retirar aquilo que está encobrindo a droga, mas de identificação. O sujeito agentivo *cachorro* não retira aquilo que impede que a droga seja visualizada, mas a identifica através de seu olfato aguçado. Sendo este o fator que impede que a oposição cobrir/descobrir se realize nesse enunciado.

## 5. Considerações finais

Como pudemos observar, há de fato uma oposição que foi gerada entre *cobrir* e *descobrir*. No entanto, destacamos que se trata de algo restrito e totalmente resultante de determinadas regras de funcionamento de ambos os verbos. Devido a tal restrição, a grande maioria dos sentidos encontrados a partir de *descobrir* não aceitam a oposição com *cobrir*, mesmo que os seus parâmetros sejam reconstruídos no espaço do prefixo a cada enunciado.

O que acontece é que nas várias possibilidades com a unidade *descobrir*, as regras se aplicam de forma diferente para cada caso, de modo que tenhamos os casos que fazem oposição a *cobrir* e as que não aceitam a oposição.

Ainda assim, há inúmeras formas em que o verbo *descobrir* se manifesta, porém, isso não quer dizer que a unidade esteja necessariamente negando ou se opondo a *cobrir*. Nestes casos, os argumentos não são mais administrados pela base, mas pelo prefixo. Alguns sinônimos locais de *descobrir* como *encontrar*, *identificar* ou *tomar conhecimento*, por exemplo, não aceitam tal oposição, muito embora, nestes casos haja uma atualização constante dos parâmetros de *cobrir*. O que acontece com essas unidades é que seus argumentos refletem as interações entre base e prefixo.

Além disso, podemos ainda citar os casos em que *cobrir* nem mesmo aceita o acréscimo do prefixo *des-*. Como apresentamos na maioria dos casos apresentados para *cobrir* na seção 2, visto que os parâmetros de *cobrir* não podem ser atualizados em *descobrir*, nesses casos específicos.

Esses aspectos abordados em nossa pesquisa confirmam que, de fato, os sentidos de uma unidade lexical, prefixada ou não, são efetivados no enunciado. As unidades prefixadas apresentam um caráter mais complexo por serem resultado da associação de um prefixo a uma base, entretanto esta associação não é suficiente para que se estabeleça um sentido que apenas se resume a um acréscimo de significação por parte do prefixo. Desse modo, compreendemos que um predicado complexo como tal gera regras de funcionamento bastante específicas que não serão aplicáveis a todas as unidades da mesma forma.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. C. B. **A construção de sentido de um verbo prefixado**: uma análise enunciativa do verbo *descobrir*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí. Teresina (PI), 2016.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999.

De VOGUÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **linguagem e Enunciação**: Representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J.-J. Situation, contexte et valeur référentielle. In. **Textes, contextes, pratiques**, n 129/130, 2006. p. 51-70

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetivo, 2003.

LIMA, M. A. F. A construção de significação de ocorrências do adjetivo bom: identidade e variação. In. LIMA, M. A. F.; FILHO, F. A.; COSTA, C. S. S. M. (orgs.) **Linguística e literatura**: percorrendo caminhos. Teresina: EDUFPI, 2013.

LYONS, J. Linguística. In. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 43-64

PAILLARD, D. A propos des verbes prefixes. **Slovo** 30-31, INALCO, Paris, 2004.

\_\_\_\_\_. Verbes préfixés et « intensité » en français et en russe. **Travaux de linguistique** 2007/2 (n° 55), p. 133-149.

RIVIÈRE, C.; GROUSSIÈRE, M.L. **Les mots de la linguistique**. Ophrys, Paris, 1996.

Artigo recebido em: 15.01.2017

Artigo aprovado em: 10.06.2017